

QUERÊNCIA 80
(Antônio Fagundes Filho)

Já fui gente, hoje sou sombra,
Tive nome, tenho número,
Mas nas sombras da cidade
Ainda brilha minha luz.
Onde está a querência de meu pai?
Por que morreram os meus heróis?
Dos mais profundos rincões do tempo,
De que vale agora a minha memória?
Pesquei fronteiras, abri picadas,
Trilhei caminhos de fogo e sangue.
Para que?
Num mundo imenso de cinza e ferro,
O que farei do verde que trago nos olhos?
Num mundo imenso de covardia,
O que farei na minha coragem?
Num mundo imenso de traição.
O que farei da minha honra?
Não posso mais ignorar a ferrugem
Que cobre a minha adaga.
O sangue dos meus avós tingiu de rubro
O chão que me é negado.
Duzentos anos passei montando a cavalo,
De arma na mão,
Defendo o meu direito de ser gaúcho,
O meu direito de ser.
Para que?
O que farão vocês de mim?
Vão me esquecer, me cantar,
Ou me louvar precocemente
Num funeral sem defunto?
Eu não morri, nem virei peça de museu, nem morrerei!
Eu sou o sangue nas veias!
Eu sou o vento gelando seco os ossos das cidades mortas!
Eu sou aquele que percorre marginalizado e sozinho,
Os campos da querência 80...
Eu sou a ânsia de liberdade que vocês nunca sentiram!
Eu sou o medo rasgando a espinha e acelerando o cavalo, rumo à batalha!
Digam que já morri, apressem meu funeral,
Mas quando os anjos fizarem soar
As trombetas de apocalipse
Ainda haverá um gaúcho sobre a terra!